

**UNIVERSIDADE ESTADUAL VALE DO ACARAÚ – UVA
CENTRO DE FILOSOFIA, LETRAS E EDUCAÇÃO – CENFLE
CURSO DE LETRAS: HABILITAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA**

LÍLIAN MARIA FERREIRA SALES

A RETEXTUALIZAÇÃO NA FORMAÇÃO DO LEITOR CRÍTICO E CRIATIVO

SOBRAL-2015

LILIAN MARIA FERREIRA SALES

A RETEXTUALIZAÇÃO NA FORMAÇÃO DO LEITOR CRÍTICO E CRIATIVO

Artigo apresentado à Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA como requisito parcial para obtenção do título de graduada em Letras com Licenciatura Plena em Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas.

Coordenadora de TCCII: Francisca Liciany Rodrigues.
Orientadora: Prof^a. Msc. Maria Soares de Araújo.

SOBRAL – 2015

A RETEXTUALIZAÇÃO NA FORMAÇÃO DO LEITOR CRÍTICO E CRIATIVO

Artigo apresentado à Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA como requisito parcial para obtenção do título de graduada em Letras com Licenciatura Plena em Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas.

Lílian Maria Ferreira Sales

Artigo Aprovado em: ____/____/____

Orientadora: _____

Prof^ª. Maria Soares de Araújo, Msc. (UVA).

1^ª Examinadora: _____

Prof^ª. Raimundo Francisco Gomes, Dr. (UVA).

2^ª Examinadora: _____

Prof^ª. Francisco Francilei Bezerra de Araújo, Esp. (UVA).

Prof^ª. Candice Helen Glenday, Msc. (UVA).

Coordenadora do curso de Letras:

Dedico este trabalho em primeiro lugar a Deus, porque Ele é o meu tudo, e em segundo lugar agradeço a minha família, e em especial a pessoa de minha mãe Zenaide, que me deu todo apoio e empenho do começo ao fim.

A meu marido Erivan, que me deu toda força e carinho para que eu pudesse concluir com perseverança este curso.

A meu pai Expedito, que sempre me ajudou na espera quando voltava para casa à noite, o meu muito obrigada.

Por fim, a minha irmã Leiliana, que sempre me ajudou prestando o auxílio em orações.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, a Deus, por todas as lutas e dificuldades que eu enfrentei para chegar até aqui. Apreendi que é lutando que se alcança a vitória, e esta depende do nosso esforço e empenho, pois não há vitória sem luta. É preciso perseverar naquilo que acreditamos.

A minha orientadora, Maria Soares de Araújo, pela sua simpatia e empenho, e pelas aulas creditadas ao longo dos anos como minha professora e agora orientadora.

A todos os professores que fizeram parte da minha vida acadêmica, em especial as professoras Cleidmar Rodrigues de Sousa Lima e Maria Elisalene Alves, por seus incentivos educacionais: a nos mostrar a querer sempre o melhor para nossa vida profissional.

Ao Centro Acadêmico do curso da Letras, pelas inúmeras vezes da participação dos eventos acadêmicos. O que me trouxe conhecimento, aperfeiçoando a minha bagagem enquanto acadêmica.

À Sra. Lasian Camelo e ao Sr. Tarcísio que me deram o maior incentivo e apoio na decisão de minha carreira acadêmica, pela aposta que eles fizeram em minha pessoa. Para que eu tivesse um futuro melhor.

E agradeço a todos que oraram por mim, a todos que dirigiram a mim palavras de ânimo e de força.

A todos que fazem parte da Secretaria de Educação de Itapagé, pelo transporte gratuito, que favoreceu a mim a oportunidade de poder estudar na UVA.

À professora orientadora, Maria Soares de Araújo; e aos professores da Banca: Raimundo Francisco Gomes e Francisco Francilei Bezerra de Araújo.

“Escrever é uma maneira de falar sem ser interrompido”

Renard, Jules.

A RETEXTUALIZAÇÃO NA FORMAÇÃO DO LEITOR CRÍTICO E CRIATIVO

Autora: SALES, Lilian Maria Ferreira¹

Orientadora: ARAÚJO, Maria Soares de²

RESUMO

Este estudo surgiu na oportunidade de compreender os processos de retextualização analisados por Marcuschi (2010), em sua teoria, uma vez que este autor é um dos pioneiros no assunto da fala e da escrita, e outros como Dell Isola (2007), Foucambert (1994). Marcuschi (2010) afirma que a retextualização é um processo comum no nosso dia-a-dia. Os processos de reescrita influenciam na perspectiva de utilizá-los, especialmente, da escrita para a escrita em atividades de retextualização em sala de aula. Tendo como corpus de estudo as produções textuais de alunos do quarto período de Letras da UVA (2015), a partir da retextualização da crônica “Vista Cansada” de Otto Lara Resende (1992), feita em sala de aula, em que constatamos a importância desta atividade de ensino com releitura ou ressignificação, retexto ou reprodução escrita para a formação do leitor crítico, individualizado e criativo. Demostramos que o estudo com atividades de retextualização aguça o senso crítico, advindos da leitura\releitura e da reescrita ou ressignificação de texto em atividades de produção textual. A crônica é um gênero bastante frequente na vida do usuário da língua e sua recepção em atividades de leitura e escrita tem auxiliado nas aulas de produção textual. Estas atividades de retextualização contribuem, além de outras competências para a construção textual e revisão, serve também para a formação do leitor crítico, aquele que é capaz de ressignificar.

PALAVRAS – CHAVE: Retextualização. Leitor crítico. Gênero crônica. Produção textual.

¹ Graduanda em letras, - Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas, pela Universidade Estadual Vale do Acaraú – (UVA). E-mail: liliansales_@hotmail.com

² Professora Orientadora, integrante do quadro docente da instituição de ensino supracitada.

1 INTRODUÇÃO

Muitas são as tentativas de atividades de registros de leitura para formar o leitor eficiente e crítico, tais como: verificações e estímulos por meio de pistas das palavras do texto, associação e comparação entre textos, promoção de debates, discussões temáticas em vídeos, e também, a retextualização. Esta última é tema deste estudo.

O tema nos permitiu apresentar inicialmente alguns conceitos sobre como se dá o processo de retextualização de um texto escrito para outro texto escrito, e também a relevância do leitor crítico quanto à utilização de atividades de retextualização na formação do mesmo. Temos como base de avaliação de nosso estudo, as atividades feitas por vários alunos do ensino médio (MARQUESI, 2004) e universitário (2015, no curso de Letras).

Para esta atividade, usamos a crônica “Vista Cansada” de Otto Lara Resende (1992), apresentamos uma sugestão para o trabalho de retextualização em sala de aula do quarto período do curso de Letras. Discutimos teoricamente conceitos e aplicabilidade destes conceitos ou princípios sobre retextualização em exemplos de teóricos (MARQUESI, 2004; DELL ISOLA, 2007; MARCUSCHI, 2010), que abordaram este assunto, como por exemplo, uma pesquisa realizada pelo Núcleo Extensionista, de Ensino de Língua Portuguesa, do Instituto de Pesquisas Linguísticas Sedes Sapientiae IP-PUCSP, relatada em um artigo de Sueli Cristina Marquesi³, publicado no livro Ensino de Língua Portuguesa, de Vanda Maria Elias, no ano 2013, que serviu como apanhado teórico nestas discussões sobre retexto.

O objetivo desta investigação é fazer um apanhado teórico sobre os conceitos de retextualização e suas respectivas atividades. Analisar entre o que é retextualizar e reescrita, à luz de teóricos, aplicando os conceitos de Marcuschi (2010), Dell Isola (2007), dentre outros. Também iremos abordar sobre os processos de retextualização da escrita para a escrita.

Tal estudo tem como estratégia formar o leitor crítico, individualizado e criativo. A retextualização cuja tarefa didática tem servido muito mais para se trabalhar a criatividade e o desenvolvimento da escrita e do discurso, tem estimulado outros modelos de reescrita como o conhecido “reconto”. No entanto, nesta pesquisa, a retextualização será vista

³ Doutora em Linguística Aplicada e professora titular de Língua Portuguesa da PUC-SP, e da Universidade Cruzeiro do Sul. Em seu estudo, relata a uma proposta de trabalho de retextualização em sala de aula.

exclusivamente como um exercício para formar o leitor crítico, individualizado e criativo em produções escritas, ou mesmo registro escrito de releituras pelos alunos.

Este artigo será desenvolvido em três momentos. Primeiro será feita uma abordagem sobre o conceito e discussões sobre leitura e leitor crítico, como se aprende a ler, e como se dá o processo da leitura, além de uma análise do estudos teóricos de Marcuschi (2010) sobre retextualização, que é uma referência pioneira no assunto. Em seguida, veremos os conceitos sobre retextualização e sua importância. Para tanto, será escolhido um gênero crônica para o registro escrito da atividade de retextualização. Faremos uma abordagem sobre as mudanças que houve de um texto para o outro, e quais processos de retextualização que os alunos utilizaram para retextualizarem seus textos. Ocupações estas que serão analisadas como atividades feitas pelos alunos, em que avaliaremos as perspectivas destas tarefas na formação de leitores críticos, individualizados e criativos.

Este estudo tem como propósito principal que é de defender a retextualização, como uma atividade didática para a formação de leitor crítico, aquele capaz de compreender as diversas perspectivas possíveis para novos olhares sobre um texto.

2 CONCEITO E DISCUSSÃO SOBRE LEITURA E LEITOR CRÍTICO E CRIATIVO

Todos nós nos apropriamos da leitura, seja ela visual ou decodificada. No nosso dia a dia estamos constantemente em ação, fazendo o uso da leitura seja no trabalho, na escola, no lazer ou em casa. Sempre nos deparamos com uma infinidade de meios que nos envolvem por meio da compreensão de mensagens em textos diversos. Os meios fascinam as pessoas, porque para se comunicar, por exemplo, faz-se necessário dominar tanto a escrita quanto a leitura, para que haja troca de informações entre o receptor e o escritor. Contudo, a formação do leitor inicia-se no âmbito escolar e se processa em longo prazo, tendo como mediador o professor em quem encontramos a possibilidade de diversificarmos o conhecimento.

Este leitor deve ser compreendido como sendo aquele que estabelece uma relação aprofundada com a linguagem e as significações, sendo capaz de ressignificar, ou seja, de dar outros contextos aos textos lidos. Pois não fazemos leitores críticos só por meio de aspectos que relacionam ideias de modo mecânico com o texto, não se constituirão leitores sem um trabalho efetivo com a significação e ressignificação ou interpretação associada. Segundo

Foucambert (1994, p.15) “O não leitor, diante de um texto escrito, não o compreende diretamente.” Ou seja, para ser um bom leitor, faz-se necessário um trabalho contínuo desde o início da aprendizagem leitora, aguçando os sentidos do aluno ao longo do percurso escolar. Cabendo ao aluno o empenho e força de vontade de querer aprender mais, e dedicação a dominar a leitura.

Aqueles que se relacionam com o texto de forma mecânica acabam se tornando um leitor decifrador, por ter pouca convivência com os livros, ou textos, o que acaba tornando-se um indivíduo mecânico, que não questiona o que lê. E como aprimorar um leitor que seja crítico, capaz de fazer de suas leituras algo positivo e cheio de ideias argumentativas e ainda poder fazer associações de significados ou ressignificados? Por isso se faz necessário neste tópico, fazermos uma breve menção sobre a questão do aprender a ler e, por conseguinte, como se dá a formação do leitor crítico. E posteriormente abordaremos a retextualização, seus fundamentos e como a atividade de retextualização da escrita para a escrita se processa, e sua importância na perspectiva de formar leitores críticos, que é o nosso objeto de estudo.

Quando nos referimos à leitura, entendemos que tivemos que passar por várias fases para chegarmos a uma formação de leitura plena e satisfatória. Fases estas que começaram em casa com o apoio dos pais, o convívio com outras pessoas, o contexto de nossas vidas que trazem a bagagem necessária na construção do nosso saber. Tudo que nos cerca, e que faz parte do nosso dia a dia são riquezas que trazemos ao longo de nossa jornada enquanto estudantes. É na escola que damos os primeiros passos, com as histórias infantis, é a primeira vista que temos sobre algo escrito, uma história não contada, mas escrita. O aluno vai entendendo e o conhecimento vai se ampliando, na perspectiva de que o aluno irá despertar interesse pela leitura, e não podemos esquecer de que o professor é o principal intermediador desse processo. Vale ressaltar da importância da interação entre leitor e texto, ressalta Solé (1998, p.22) “que a leitura é um processo de interação entre leitor e texto; neste processo, tentamos obter uma informação pertinente para os objetivos que guiam nossa leitura”.

Podemos entender que quando um leitor se depara com um texto entende-se que lerá com uma finalidade de conhecer, de compreender, de se informar, de questionar, o que se está lendo. Os textos dos mais variados tipos que existem sempre trazem algo para os leitores. Eles trazem as informações, que são captadas pelos leitores. Por isso a importância de uma leitura com objetividade. A questão da interação entre leitor e texto é imprescindível, uma vez

que o leitor busca na leitura tendo as informações do se quer encontrar, o que lhe chama atenção. Portanto, desde o início de nossas experiências com o mundo da leitura, sempre fomos instigados a querer descobrir o que o devido texto nos queria repassar. Sejam com as histórias dos contos de fadas, as receitas de bolo, etc.

E enfatizando a questão acerca do leitor que ler com o objetivo para guiar a leitura, Solé (1998, p.22) afirma:

O leque de objetivos e finalidades que faz com que o leitor se situe perante um texto é amplo e variado: devanear, preencher um momento de lazer e desfrutar; procurar uma informação concreta; seguir uma pauta ou instruções para realizar uma determinada atividade (cozinhar, conhecer as regras de um jogo).

Falamos de várias questões que regem o que é ler. Agora veremos a leitura de uma forma mais ampla. A sua realização depende de muitos fatores. A formação do leitor é uma questão de escolha, de objetivo na vida, e jamais deve ser abandonada, Segundo Foucambert (1994, p. 17):

Aprende-se a ler em qualquer idade, e continua-se sempre aprendendo. A escola é o momento da formação do leitor. Mas se essa formação for abandonada mais tarde, ou seja, se as instâncias educativas não se dedicarem sempre a ela, teremos pessoas que, por motivos sociais e culturais, continuarão sendo leitores e progredirão em suas leituras, e outras que retrocederão e abandonarão qualquer processo de leitura.

As nossas decisões e escolhas que fazemos na vida são decisivas no que queremos de melhor para nós. Se optarmos em avançar, teremos a oportunidade de sermos bons leitores, se não seremos simplesmente leitores mecânicos.

Foucambert (1994, p. 31):

Para aprender a ler, enfim, é preciso estar envolvido pelos escritos os mais variados, encontrá-los, ser testemunha de e associar-se à utilização que os outros fazem deles - quer se trate dos textos da escola, do ambiente, da imprensa, dos documentários, das obras da ficção. Ou seja, é impossível tornar-se leitor sem essa contínua interação com um lugar onde as razões para ler são intensamente vividas.

A leitura é algo envolvente, e as pessoas que leem por prazer é porque encontram significados em suas leituras. O leitor que é leitor sempre estará cercado de livros, textos dos mais diversos, porque isto faz parte de seu mundo, de sua escolha. O indivíduo em contato com estes textos tem a perspectiva de desenvolver uma boa atividade assim como afirma Foucambert (1998, p.31), “uma atividade léxica, praticando atos de leitura”). Ou seja, o leitor que se depara com vários textos terá um grande apanhado de conhecimento, e assim o léxico

que nós vemos como vocabulário das palavras que conhecemos, o leitor terá o conhecimento dos mais variados tipos de textos que existe. O leitor ativo identifica com facilidade que tipo de texto está lendo. A prática de leitura favorece ao leitor o domínio sobre o texto.

As atividades de retextualização se encaixam em uma concepção de leitura crítica no sentido de que quando lemos e escrevemos, ou produzimos sobre um texto, não significa que esta leitura possa ser somente linear ou fiel ao que foi lido, ela pode também virar uma atividade de ressignificação, por meio de uma leitura dialogada ou associada, em que se pode atribuir várias versões a um mesmo texto (reconto, releitura, retexto).

Um leitor crítico não é só aquele que atribui significados interpretativos de extensão lógica e ideológica. Um leitor crítico pode ser também aquele que é capaz de contextualizar ou de ressignificar. O reconto em que passa a ser interpretado por um personagem ou invés do narrador original passa a retextualizar, a atribuir novo significado. Um redação dissertativa em que um professor pede para que façam outro texto com outra versão ideológica é também um registro crítico de leitura.

De acordo com Foucault (1994, p.5):

Ler significa ser questionado pelo mundo e consigo mesmo, significa que certas respostas podem ser encontradas na escrita, significa poder ter acesso a essa escrita, significa construir uma resposta que integra parte das novas informações ao que já se é.

Seja qual for o tipo de texto, o indivíduo que ler é instigado a encontrar as ideias, a intenção do autor, o que está além do texto, cujas repostas encontram-se no próprio texto ou em uma produção associada a ele. O indivíduo que lê, a partir de suas experiências vividas, constrói respostas, através do seu contexto, de sua realidade. O leitor é capaz de dar significado à leitura, quando põe em prática a criticidade, o conhecimento de determinado assunto, já previamente sabido do aluno, chamado conhecimento de mundo. Que aliado à leitura, e as experiências do aluno, e ao suporte que o mesmo tem de compreensão sobre o texto, favorecem ao desenvolvimento do pensamento crítico.

Diante das competências e habilidades, propostas nos Parâmetros Curriculares Nacionais, vemos:

O ensino de Língua Portuguesa, hoje, busca desenvolver no aluno seu potencial crítico, sua percepção das múltiplas possibilidades de expressão linguística, sua

capacitação como leitor efetivo das mais diversos textos representativos de nossa cultura. (BRASIL, 2002, p. 55).

Percebemos que se faz necessário a utilização de vários tipos de textos em sala de aula, e a aplicação de metodologias novas, no que diz respeito ao processo de formação de leitores críticos.

3 PROCESSO DE RETEXTUALIZAÇÃO

O livro *Da fala para a escrita*, de Marcuschi (2010), tem como objetivo principal mostrar e desenvolver atividades de retextualização da fala para a escrita. Mostra que há várias operações da passagem do texto falado para o texto escrito. O termo retextualização⁴ foi introduzido por Neusa Travaglia (1993), em uma nota de rodapé feita por Marcuschi (2010, p.46), trata pela primeira vez do termo retextualização, referindo-se neste caso a uma atividade que se adéqua à tradução de uma língua para outra. O que Marcuschi reafirma que seja para ele igual só que, passando de uma modalidade para outra, “permanecendo-se, no entanto, na mesma língua” (Marcuschi, 2010, p.46).

Levando em consideração a fala e a escrita, Marcuschi (2010,p. 48) apresenta quatro possibilidades de retextualização. Estes processos podem ocorrer da fala para a escrita, da fala para a fala, da escrita para a fala e da escrita para a escrita. Veja o quadro a seguir:

Quadro1. Possibilidades de retextualização			
1. Fala	Escrita	(entrevista oral	entrevista imprensa)
2. Fala	Fala	(conferência	tradução simultânea)
3. Escrita	Fala	(texto escrito	exposição oral)
4. Escrita	Escrita	(texto escrito	resumo escrito)

(Tabela extraída do livro *Da fala para a escrita*, Marcuschi, 2010, p, 48).

Entendemos que diante das possibilidades referidas acima, iremos abordar a alternativa de número (4), da escrita para a escrita. E como para se trabalhar com texto escrito, fazem –se necessários termos de conhecimento princípio da compreensão do texto a ser retextualizado. Assim, Marcurschi (2010, p. 47) afirma:

⁴ O termo empregado recebe o nome de retextualização, expressão empregada por Neusa Travaglia (em sua tese de doutorado sobre a tradução de uma língua para outra, 1993).

Pois para dizer de outro modo, em outra modalidade ou em outro gênero o que foi dito ou escrito por alguém, devo inevitavelmente **compreender** o que foi que esse alguém disse ou quis dizer. Portanto, antes de qualquer atividade de transformação textual, ocorre uma atividade cognitiva denominada compreensão.

Antes de tudo, é preciso termos conhecimento do texto a ser retextualizado. Podemos citar como exemplo desta atividade de compreensão, realizadas em redações, em que o aluno é instigado a compreender o que está além do texto, através dos textos-base que são colocados, servindo de suporte para criar outro, e a partir daí, criar outro texto significativo. Vejamos o que Dias (1986, p. 35) destacou em seu estudo realizado sobre redações:

A produção de um texto deve ser fruto de um pensamento reflexivo, deve representar o salto qualitativo, a codificação de informações reoperadas que se interligam, intencionalmente, e que são oriundas não do exercício mecânico de leitores entendidos como decodificadores de letras, mas, de leitores cuja **compreensão** implica a percepção das relações entre o texto e o contexto.

Tomemos, como exemplo, um documento que seja uma Ata de uma sessão importante da Câmara dos Veredores, e que este texto deve ser retextualizado para veicular como uma notícia no rádio, e para ser votado o projeto, e depois do mesmo sancionado pelo prefeito, e tornar-se um documento oficial, final. Estamos diante dos vários processos de retextualização que este texto sofreu. O que houve foi “ação de reescrita”. (Marcuschi, 2010, p. 48).

Neste estudo iremos compreender como dá o processo de retextualização, como a atividade de retextualização do escrito para o escrito se processa, qual a sua relevância na formação de leitores críticos.

Tomemos como partida, um trabalho realizado por Marquesi (2004). Em seus estudos, ela enfatiza a questão de trabalharmos com metodologias já estudadas por teóricos. Um dos grandes desafios do professor de hoje é poder trazer para a sala de aula, um conteúdo, uma metodologia que aguce o despertar do aluno a leitura crítica. Especialmente alunos do Ensino Médio. O Objetivo de seu estudo foi verificar a causa do estudante ter dificuldades de produzir textos que tragam um fio condutor de sua escrita. Segundo a análise dela, “a causa desse problema reside na ausência de um trabalho que oportunize, ao estudante/escritor, vivenciar e escrita e a reescrita de seu texto”. (Elias, 2013, p. 135).

Como base para fazermos uma atividade de retextualização do escrito para o escrito, o indivíduo tem que lê, para poder compreender, e então fazer a retextualização do

texto. Em um trabalho realizado por Marquesi (2004) aplica as estratégias para a compreensão dos textos em atividades de retextualização em Elias (2013, p.137), estratégias estas que são definidas por Marcuschi (1988, p. 51):

1. Condição de base textual;
2. Condições de conhecimentos relevantes partilhados, para que a base textual seja eficaz em atividades interacionais;
3. Condição de coerência, em que as condições 1 e 2 só serão produtivas se o texto for coerente;
4. Condição de cooperação;
5. Condição de abertura textual;
6. Condição de base textual;
7. Condição de determinação tipológica.

De acordo com o que foi proposta por Marquesi (2004), sua atividade de estudo que serviu como uma metodologia de aplicação da retextualização e serviu como sugestão de atividade passou por quatro etapas, tendo como base dois textos (a) e (b) de escrita e de reescrita. Foi proposto para um aluno do ensino fundamental redigir uma redação com o tema: *A escola dos meus sonhos*. E por outro aluno do primeiro ano do ensino médio, com o mesmo tema da redação, já orientado pelo processo de retextualização, orientado pelo professor.

Na primeira etapa, foi feita uma leitura e compreensão do texto a ser retextualizado. Durante as atividades em sala de aula, o professor leu a redação para todos, e discutiu a relação do tema proposto e sua abrangência. As ideias mais oportunas com relação ao tema proposto. E por fim, foi discutida a existência da justaposição de frases, clichês.

Na segunda etapa, foi planejado que a compreensão é fundamental para a formulação. O professor pediu para que cada estudante individualmente fizesse inferências, eliminações. E também o aluno deveria pensar no tema e a partir daí defender a ideia central do texto que deveria defender, e deveria ser estabelecido um marco de ligação do texto para a reescrita de seu próprio texto.

Na terceira etapa, o aluno foi desafiado a reformular o seu texto, que fosse criativo e ao mesmo tempo crítico.

E, na última etapa, o desafio da retextualização. Depois de todas as etapas abordadas, o professor pediu para que os estudantes escrevessem seu texto. E depois de escrito o texto retextualizado, o estudante foi orientado a ler o novo texto, analisando se foram solucionados os “**problemas do texto**”. (MARQUESI, 2004, in ELIAS, 2013, p.141):

Diante do trabalho realizado por Marquesi, a sugestão de atividade de retextualização para estudantes, a autora faz as seguintes considerações, segundo Marquesi (2004) in Elias (2003, p. 142):

Para poder trabalhar as aulas de redação no ensino médio por meio de escrita e da reescrita de textos, levando em conta o processo de retextualização, abre perspectivas para integrar as atividades de leitura e escrita e propiciar ao estudante a autoaprendizagem: ele lê, escreve, reflete, analisa, e reescreve seu texto, em atividades integradas.

A atividade de retextualização propicia ao aluno a oportunidade de se reescrever o texto. Para poder fazer esta reescrita seja de qualquer texto, o aluno terá que primeiro fazer uma leitura, e esta deve ser realizada com compreensão. Para depois se chegar à escrita. Tendo como base o processo de retextualização, o que dá possibilidades ao professor de tornar suas aulas mais significativas, referentes à escrita, utilizando-se de embasamento teóricos, como aqui foram propostos. Fazendo de suas aulas de redação, especialmente os docentes da área de Língua Portuguesa, valer apenas aplicar conhecimentos novos, de teóricos no assunto.

4. ANÁLISE DA RETEXTUALIZAÇÃO NO DESENVOLVIMENTO DO LEITOR CRÍTICO E CRIATIVO

A atividade de retextualização neste estudo foi aplicada a crônica “Vista Cansada” de Otto Lara Resende (1992). O que queremos mostrar é que há várias formas se de fazer retextualização de textos, abrangendo assim os gêneros textuais, o que para (Marcuschi, 2010, p.70) deve se ter certo cuidado “o problema maior se dá quando se passa de um gênero para outro, já que neste caso muda até mesmo o modelo global de transmissão”.

Segundo Marcuschi (2010), há quatro variáveis a serem relevantes. 1ª variável: o *propósito* ou objetivo da retextualização pode-se alterar o nível de linguagem, dependendo do tipo de texto que irá ser transformado; 2ª variável: *a relação entre o produtor do texto original e o transformador*, um texto pode ser produzido pelo mesmo autor ou não. O texto que é modificado por outra pessoa sofrerá menos mudanças no conteúdo. Já sendo o próprio autor do texto, fará intervenções mais profundas. Fundamentado “nesse processo de retextualização são feitas alterações regidas por estratégias de regularização linguística” (Dell Isola, 2007, p. 43); 3ª variável : *a relação tipológica entre o gênero textual original e gênero da retextualização*. Ocorre na transformação de um gênero textual falado para o mesmo gênero textual escrito. 4ª variável: *os processos de formulação* típicas de cada modalidade

referem-se as transformações que ocorrem dentro do texto, levando em consideração ao tipo de gênero a ser modificado. Assim como define Marcuschi (2010, p.54), “em resumo trata-se da questão das estratégias de produção textual vinculadas a cada modalidade”.

A relação tipológica que cabe a variável 3^a, não será citada por se tratar do gênero textual falado para o mesmo gênero textual escrito, que Marcuschi (2010, p.54) define como “a relação tipológica entre o gênero textual original e o gênero da retextualização”. Ele cita que “[a transformação de um gênero textual falado para o mesmo gênero textual escrito, por exemplo, uma narrativa oral passada para uma narrativa escrita, produz modificações menos drásticas...]”. Como neste tópico, queremos abordar apenas a transformação de um gênero textual escrito para outros escritos, seguimos as variáveis respectivamente, 1^a, 2^a, 4^a, acima propostas segundo a definição de Marcuschi (2010).

Com base nestas operações de retextualizações, a seguir propomos atividades de retextualização do gênero textual escrito para o escrito. As retextualizações, foram feitas pelos alunos do quarto período do curso de Letras. Na qual deveriam passar a crônica para qualquer outro tipo de gênero textual: anúncio, conto, poesia, carta, notícia, relato pessoal etc. Depois da interpretação ou leitura do texto “Vista Cansada” de Otto Lara Resende (1992), os alunos foram convidados a escrever qualquer outro gênero, partindo da temática lida, mudando a autoria de Resende para eles, alunos, fazendo uma interpretação pela autoria ou por um personagem do texto. Fizemos uma produção onde o objetivo era promover o registro escrito de leituras diversas e ou releitura, (ressignificação) para o aprimoramento do leitor crítico, aquele que é capaz de ressignificar.

Vejamos a crônica⁵:

Acho que foi o Hemingway quem disse que olhava cada coisa à sua volta como se a visse pela última vez. Pela última ou pela primeira vez? Pela primeira vez foi outro escritor quem disse. Essa idéia de olhar pela última vez tem algo de deprimente. Olhar de despedida, de quem não crê que a vida continua, não admira que o Hemingway tenha acabado como acabou.

Se eu morrer, morre comigo um certo modo de ver, disse o poeta. Um poeta é só isto: um certo modo de ver. O diabo é que, de tanto ver, a gente banaliza o olhar. Vê não-vendo. Experimente ver pela primeira vez o que você vê todo dia, sem ver. Parece fácil, mas não é. O que nos cerca, o que nos é familiar, já não desperta curiosidade. O campo visual da nossa rotina é como um vazio.

⁵ Texto publicado no jornal “Folha de S.Paulo, edição de 23 de Fevereiro de 1992. http://releituras.com/olresende_vista.asp, acesso em 05/07/2015).

Você sai todo dia, por exemplo, pela mesma porta. Se alguém lhe perguntar o que é que você vê no seu caminho, você não sabe. De tanto ver, você não vê. Sei de um profissional que passou 32 anos a fio pelo mesmo hall do prédio do seu escritório. Lá estava sempre, pontualíssimo, o mesmo porteiro. Dava-lhe bom-dia e às vezes lhe passava um recado ou uma correspondência. Um dia o porteiro cometeu a descortesia de falecer.

Como era ele? Sua cara? Sua voz? Como se vestia? Não fazia a mínima idéia. Em 32 anos, nunca o viu. Para ser notado, o porteiro teve que morrer. Se um dia no seu lugar estivesse uma girafa, cumprindo o rito, pode ser também que ninguém desse por sua ausência. O hábito suja os olhos e lhes baixa a voltagem. Mas há sempre o que ver. Gente, coisas, bichos. E vemos? Não, não vemos.

Uma criança vê o que o adulto não vê. Tem olhos atentos e limpos para o espetáculo do mundo. O poeta é capaz de ver pela primeira vez o que, de fato, ninguém vê. Há pai que nunca viu o próprio filho. Marido que nunca viu a própria mulher, isso existe às pampas. Nossos olhos se gastam no dia-a-dia, opacos. É por aí que se instala no coração o monstro da indiferença.

O texto é uma crônica e trata da indiferença das pessoas que não conseguem ver umas as outras. O autor cita como exemplo para reflexão, as observações de Hemingway, um poeta que escrevia sobre a indiferença, e cita também um exemplo de um porteiro, que, apesar de estar todos os dias ali não era visto, e quando souberam de sua morte, ninguém o conhecia.

Após interpretação, pedimos que escrevessem sobre a temática no gênero proposto, fazendo uma releitura ressignificativa. O propósito era chamar a atenção para as diferentes formas de ler uma mesma temática em registros escritos diversas. À medida que liam, fazíamos análise ou comentávamos sobre a estrutura do texto, das ideias e sobre a releitura. Um aluno escolheu o conto que foi interpretado assim: Hemingway tornou-se personagem da história, um narrador em primeira pessoa que falava da sua vida dialogando com o autor (Otto Lara Resende), dizendo ter conhecido e refletido com ele sobre a indiferença das pessoas.

Era outono e lá estava eu indo para meu trabalho, hábito que fazia pontualmente todos os dias, quando me deparei com um jovem de aproximadamente 32 anos de idade em busca de trabalho, era Otto Resende. (...) E ele me disse que: _ O mundo precisa de pessoas que tenham amor e que saibam amar ao próximo. (...) Hemingway enfrentou a morte do pai por suicídio, viveu sob torturas e sofrimentos do comportamento de sua mãe e até que um dia com a mesma arma do pai cometeu suicídio. (aluno do quarto período).

Como percebemos, a releitura ou retextualização da crônica foi feita por um personagem Hemingway que se torna amigo de Resende e fala sobre a indiferença como um problema da humanidade que não consegue ver o próximo. Como vemos a ressignificação foi realizada e o autor fez uma releitura do texto original, a que chamamos de nova versão ou leitura crítica, do produtor da ressignificação. O que chamamos de leitura crítica aqui não é

aquela ideológica e social em que o aluno critica ou defende a ideia do texto original. Leitura crítica ou leitor crítico aqui é aquele interpretador criativo e individualizado por meio de uma proposta de ressignificação. Vejamos a poesia :

Um porteiro sempre astuto\ Miguel era dedicado\ Honrava sua farda\ Pelos 32 anos trabalhados. Mas um certo dia\ Miguel não foi trabalhar\ Foi aí que os moradores do prédio\ Começaram a questionar. Quem era? Qual o eu nome?\ Onde vivia e o que queria fazer? O porteiro para ele era notório teve apenas que morrer.

O leitor crítico individualizado na ressignificação, em seu papel de avaliador do texto, ao invés de pontuar Hemingway ou Otto Resende, saiu em defesa do porteiro, um personagem na história que passou despercebido.

Além destas retextualizações, tivemos um anúncio refletindo sobre os diversos “eus” que se manifestam em olhares diferentes para a indiferença. Tivemos também uma carta, aconselhando às pessoas a não serem indiferentes com o próximo. Tivemos muitas poesias com versões diferentes sobre os olhares sem perceber, além de comentários e até uma resenha criticando a ideia original do texto lido por ser muitas vezes indiciada como argumentos que se revelam de forma negativa, ao invés de positivas como queria o autor Otto Lara Resende (1992).

Diante das retextualizações realizadas, concluímos que os estudantes conseguiram seguir as estratégias de compreensão, Marcuschi (1988, p. 51) e as variáveis para poderem trabalhar com a escrita de gêneros textuais propostas por Marcuschi (2010), devidamente, na produção de seus textos. Percebemos que trabalhar com gêneros textuais requer do aluno conhecimento do assunto a ser transformado, e o aluno deverá compreender para depois produzir. Segundo Dell Isola (2007, p. 45):

Antes de realizarem a retextualização os alunos são levados a pensar sobre o gênero sugerido: sua forma, sua função, elementos que o caracterizam, aspectos determinantes para sua identificação. Inevitavelmente, os alunos são conduzidos a buscarem informações sobre a constituição dos gêneros, a lerem os gêneros em diversos textos – “objeto de figura”. A escrita só se realiza após uma investigação a ser feita pelo aluno que deverá compor transformar em outro gênero, o gênero do texto que leu.

O que analisamos aqui foram atividades significativas, que contribuem na formação de leitores críticos por meio de versões individuais e ressignificativas do texto lido, uma vez que o posicionamento do produtor em um novo texto deverá seguir princípios de criticidade, de argumentatividade e de criatividade, que três elementos fundamentais para a formação de um

leitor crítico. Entendendo que a produção ressignificada é um produto ou registro de uma leitura, ou melhor, de uma releitura.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mostramos os processos de retextualização como uma atividade em que há várias formas de se trabalhar um texto, ressignificando e construindo ideias em gêneros diferentes. Neste estudo, abordamos a modalidade de atividades de retextualização da escrita para a escrita. Seja uma redação a ser reescrita, uma crônica a ser retextualizada em outro gênero etc. Tudo faz parte do processo de retextualização.

É importante salientar que o objetivo principal deste estudo é defender que a atividade de retextualização, seja ela da escrita para a escrita, ela tem a perspectiva de formar leitores críticos. Levando em consideração o empenho e o uso de novas metodologias, como a utilização da retextualização feitas pelo professor, propiciando aos estudantes desenvolver o seu senso crítico, através da releitura e da reescrita.

O que pretendemos mostrar é que a atividade de retextualização da escrita para a escrita, utilizando-nos da crônica ou qualquer tipo de texto de redação em sala de aula, o estudante irá dispor de estratégias de produção, além de se posicionar como um leitor ressignificador ou crítico, através do processo de retextualização, uma vez que o aluno tendo este conhecimento deste recurso irá desenvolver uma leitura crítica, reflexiva, e de forma criativa. Isto porque entendemos que a retextualização da escrita para a escrita, exclusivamente, desenvolve no aluno aquele elo que existe entre releitura e reescrita, porque para ler é preciso compreender, para reler é preciso reinterpretar, e depois de compreendido e reinterpretado vem a escrita como produção de releitura, uma forma de motivar o aluno a ler e escrever, com certa autonomia e responsabilidade criativa.

Com base nos conceitos de leitor crítico, entendemos que para ser um bom leitor é preciso ler com compreensão. E que a atividade de retextualização é uma estratégia de leitura e escrita em que o professor utiliza em atividades com os alunos atitudes individuais e criativas, que irão aguçar o potencial crítico, em determinados tipos de textos e experiências diversas com as produções de diversos gêneros, que também passa a fazer parte da escolha individual do aluno.

REFERÊNCIAS

- BRASIL, Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio.** Língua Portuguesa. 2002.
- DELL ISOLA Regina Lúcia Péret. **Retextualização de gêneros escritos.** Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.
- DIAS, Ana Rosa F. **Análise de redações de vestibular e sua correção avaliativa.** São Paulo, 1986. Dissertação (mestrado) – Pontífica Universidade Católica de São Paulo.
- ELIAS, Vanda Maria. **Ensino de Língua Portuguesa: oralidade, escrita e leitura.** Organizadora Vanda Maria Elias. – 1ed. São Paulo: Contexto, 2013.
- MARQUESI, Sueli Cristina. **Escrita e reescrita de textos no ensino médio.** In:ELIAS, Vanda Maria. **Ensino de Língua Portuguesa.** São Paulo: Contexto, 2013.
- FOUCAMBERT, Jean. **A leitura em Questão.** Trad. Bruno Charles Magne. - Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: Atividades de retextualização – 10. edição – São Paulo : Cortez, 2010.**
- SOLÉ, Isabel, **Estratégias de Leitura.** Trad. Cláudia Schilling – 6. edição – Porto Alegre: Artmed, 1998.
- RESENDE, Otto Lara. **Vista Cansada.** Crônica. Folha de São Paulo, 1992. In http://releituras.com/olresende_vista.asp, acesso em 05\07\2015).
- TRAVALIA, Neusa G. **Tradução retextualização: A tradução numa perspectiva textual.** Uberlândia: EDUFU, 2003. In: Marcuschi, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização.** São Paulo: Cortez, 2010.

ABSTRACT

The retextualization reader in formation critical

This study appeared in the opportunity to understand the retextualization processes analyzed by Marcuschi (2010), in his theory, since this author is one of the pioneers in the art of speech and writing. The author states that retextualization is a common process in our day-to-day. The rewriting processes influence the idea of using them, especially writing for writing on retextualization activities in the classroom. With the corpus study the textual productions of pupils in the fourth period of Letters of UVA from the retextualization chronic "Looking Tired" Otto Lara Resende, made in the classroom, where we see the importance of this educational activity with rereading or ressignificação, retexto or play written for the formation of critical, individualized and creative player. We demonstrate that the study of retextualization activities sharpens critical thinking, arising reading \ rereading and rewriting or text reframing in textual production activities. Chronic is a fairly common genre in the life of the user language and its reception in reading and writing activities have helped in textual production classes. Retextualization these activities contribute, among other skills for textual construction and review, also serves to form the critical reader, one who is able to reframe.

Key words: Retextualization. Critical reader. Chronic genre. Text production.